

DO "LIVRO DAS FORTALEZAS" DE DUARTE DARMAS
edição de 1943, fac-similada da de 1520/30

A FORTALEZA DE MÉRTOLA



Mértola – Vista tirada da banda sueste

«A povoação de Mértola está situada sobre um alto cabeço que se ergue abruptamente sobre a confluência da ribeira de Oeiras com o rio Guadiana. A sua posição era do mais alto valor militar, não só pelas condições topográficas, que a tornavam quase inexpugnável por todos os lados, à excepção do nascente, mas ainda por ser testa de navegação do rio Guadiana, comandar a sua travessia, e ser o porto e ponto de passagem natural e forçado das comunicações terrestres de todo o Alentejo e o Algarve e o mar.

Até ao primeiro quartel do século actual, as comunicações terrestres entre Lisboa e o Algarve faziam-se quase exclusivamente pela estrada de Beja e Mértola, descendo-se depois o Guadiana até castro Marim, e mais recentemente até Vila Real de Santo António.

A sua importância militar e valor político, comercial e económico, foram sempre grandes, desde a mais remota antiguidade, mercê de estar situada numa região de solo rico em produtos agrícolas e pecuários, e abundan-



Almanaque Alentejano

2014 – N.º 10 – 2ª Série

Revista anual, Janeiro de 2014

Capa:

Paisagem alentejana (foto de L. Jordão)

Director e Editor:

Luís B. B. Jordão

Colaboraram neste número:

Aba Paula Venceslau, António Carretas, António Galvão, António José Zuzarte, António Nunes de Almeida, Beatriz Royer, Bernardo Matos, Carlos A. Ferraz da Conceição, Elsa Lopes, Fátima Marques, Francisco Manuel Constantino Pinto, Guilherme Alves Coelho, Isabel Jordão, Luís B. B. Jordão, Luís Filipe Maçarico, Napoleão Mira, Nicolau Saião.

Produção:

Esforço conjunto de Luís Jordão e hjco
Tel./Fax 218 878 001

E-mail: luis.bb.jordao@gmail.com

Rua de S. Tomé, 37 - R/C 1100-561 Lisboa

E-mail: henriquejcoliveira@gmail.com

Impressão:

Serviços de Reprografia da Escola Secª
José Estêvão - Aveiro

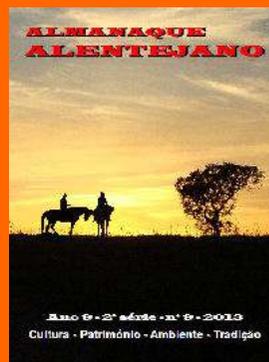
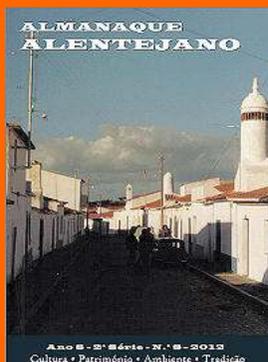
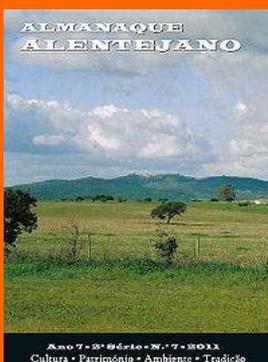
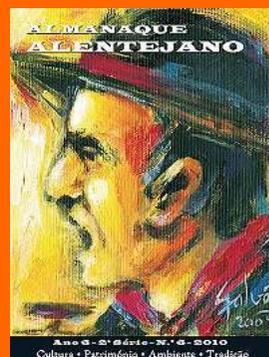
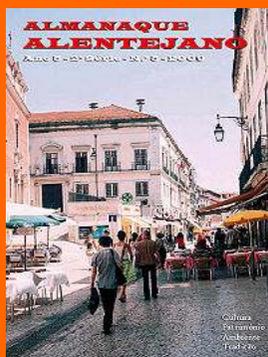
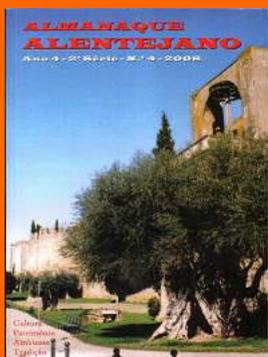
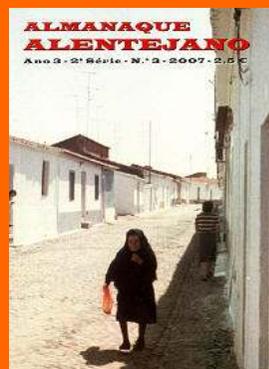
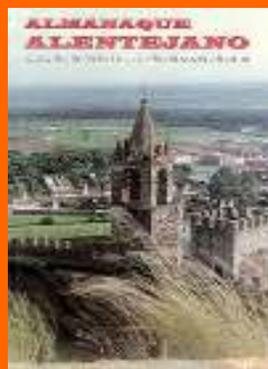
ICS: 124715

Dep. Legal: 221322/05

ÍNDICE

Editorial	5
A Fortaleza de Mértola	4
A Magia do Cante	7
À Memória de Mário Elias.....	10
As relaxadas do Alto Alentejo	11
Henrique Pousão	13
Leónidas, traz o vinho	15
No morro São Bento, em Santos	18
Sair do euro não é solução	20
Avifauna: o Bufo Real	21
Forcados amadores de Arronches	24
A parábola dos cegos	27
O livro vivo: os <i>aedos</i>	30
A coragem não morre	32
Alentejo é nome de mundo	33
Cantiga do camponês	37
Cantem	38
Monforte	40
Não sei se cabemos na ilha	41
Olho nos olhos, estes velhos	42
Tardios arrependimentos	44
Último tren	45
Senti saudade	46
Quando partir	48
Urbano	49
Gastronomia	50
Palavras Cruzadas	51
Anuário - Calendário, fases da Lua, eclipses, astrologia, etc	52

Capas II Série



■ **Editorial**

... mesmo não chegando à talanquêra

Num país onde os governantes menosprezam ostensivamente a cultura no seu todo, não é fácil uma pequena revistinha de afectos como esta fazer alguma coisa nas áreas da tradição e da cultura local e do ambiente e do património, ainda que de forma livre e esforçada, embora generalista.

E tem-se conseguido, tal como na primeira série, pela mão de Fausto Gonçalves; e agora, ao longo da última década, acreditando que com alguma qualidade, graças aos generosos amigos que bem sabem ser e fazer.

Neste país depois de Abril, a liberdade dolorosamente conquistada permite a denúncia pública das limitações de todas as formas impostas e dos malfazer dos filhos das contra-revoluções, adoptados inevitavelmente pelo alto poder, bem como pelos poderosos pobrezinhos dos inúmeros polvos que o envolvem e que não passam de partes absurdas da globalização. Todavia, a força destas pequenas publicações, embora bastante se convenientemente utilizada, não chega sequer à talanquêra. Assim mesmo, continuamos a considerar da maior importância a defesa e a divulgação do Alentejo, das suas gentes e da sua cultura; e tomamos a liberdade de desafiar todas as outras regiões do país para, de uma forma ou de outra, o fazerem também, para além daqueles jeitos formatados que se vão fazendo e banalizando.

Inevitavelmente, voltamos a falar do Conselho Nacional das Casas Regionais em Lisboa, pois ele, composto pelas oito regiões (Casa dos Açores, Casa do Algarve, Casa do Alentejo, Casa das Beiras, Casa da Madeira, Casa do Minho e Casa do Ribatejo), pretendia ser um útil e saudável fórum de debate. Acabou! Talvez algum dia alguém o faça utilmente renascer.

Nós, por cá, com as nossas carências e dificuldades, continuaremos mexendo, assim a força das vontades o permitam.

Luís Jordão

va o ponto a preceito.

Toda a taberna emudeceu para a ouvir cantar. Assim que esta terminou, logo o alto lhe pegou. Quando o ressoar das vozes se fez ouvir, senti-me de novo transportado para essa região temporal com que comecei este escrito: a minha infância.

Aqui estou eu! Debaixo da mesma mesa de onde brotam as vozes dos homens que cantam lonjuras. Dos homens que tratam os horizontes por tu. Dos homens que celebram em unísono o grito da terra. Dos homens que um dia quero imitar, embora ainda use calções de peitilho.

Apesar da minha pouca idade, há muito que jogo este jogo. Para além da perspectiva única, daqui debaixo, quando irrompe o trovão das vozes, parece que toda a terra estremece. Gosto de me sentir invisível e ao mesmo tempo aqui, no olho do furacão, no cerne da tempestade vocal.

Estou aqui debaixo da mesa grande e ao mesmo tempo ao canto do balcão. Posso sintonizar-me da maneira que mais me aprouver. No silêncio interior com que me protejo, sinto que me agrada esta espécie de estereofonia temporal.

Agora, aqui deste canto de onde, qual esponja, sugo tudo o que à minha volta acontece, penso que foi o cante que despoletou o meu regresso à pátria transtagana.

Reflecto nesse momento e revejo-o na memória como se dum filme se tratasse.

Se tivesse nome chamar-se-ia “Sonho de Uma Noite de Verão”.

Sentado ao sereno à porta de

casa da minha tia, ouço ao longe uma espécie de murmúrio cantado, logo seguido de outra voz solitária que se eleva no silêncio da cálida noite. Quando o coro de vozes irrompe, sou invadido por uma certa e estranha melancolia, uma suave corrente eléctrica de que não sei precisar a voltagem, um exacto e raro sentimento de quem só quer eternizar aquele instante.

Resultado! Abalei rua abaixo. À medida que me aproximava da venda onde o cante acontecia, maior era o frenesim que de mim se apoderava, parecia mesmo que no meu peito corria à desfilada um cavalo selvagem em forma de coração. Aí chegando e sem coragem para entrar sentei-me num banco existente à porta do estabelecimento de modo a presenciar aquela “jam session”.

Acendi um cigarro e segui na rota do fumo as estrofes cantadas pelos homens da minha terra. Foi nessa noite que morri pela segunda vez. A primeira foi quando me arrancaram ao Alentejo, mas agora... agora a magia do cante tinha-se apoderado de mim.

Um arrepio percorreu-me a espinha e devolveu-me o pensamento e acção à Cavalaria onde entretanto juntei a minha voz à dos outros convivas.

Entre assim numa espécie de ritual, numa cerimónia repleta de preceitos só entendível aos que possuem no seu código genético uma determinada matriz. Um cromossoma comum. Uma certa e orgulhosa maneira de dizer:

te em jazigos minerais (1), com saída para o mar.

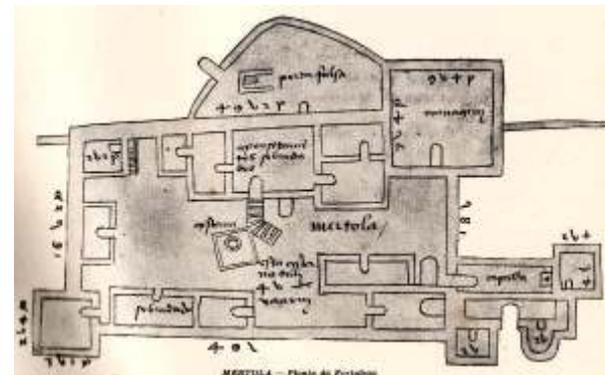
A sua fundação perde-se na noite dos tempos e a primitiva fortaleza deve ter consistido num castro neolítico ou de povoamento. Quando, muitos séculos depois, ali chegaram os fenícios, já Mértola deveria constituir uma forte e grande citânia.(2)

Quando os romanos invadiram pela primeira vez a Lusitânia, encontraram em Myrtilis uma povoação florescente, digna de lhe ser concedida a honra e o privilégio de cidade municipal do antigo direito latino, a tal ponto que Júlio César lhe concedeu o título de Myrtilis Julia.

Ocupada a cidade de Mértola pelos romanos, era natural que a fortaleza fosse completamente remodelada segundo a sua arte castrense, transformando-se numa potente base de ocupação. Com a invasão dos bárbaros do Norte, no princípio do século VIII, Mértola ficou reduzida a um montão de ruínas.

Os árabes trataram depois de reconstruir a antiga Myrtilis que, embora não ficasse com a vastidão e magnificência da nobre cidade romana, ficou sendo uma povoação importante, devido à sua privilegiada situação.

As guerras entre mouros e



Mértola – Planta da fortaleza

cristãos, nos séculos VIII ao XIII, também arruinaram muito a povoação de Mértola, que deixou de merecer o nome de cidade.

Mértola foi conquistada aos mouros por D. Sancho II, em 1239, segundo uns, e, segundo outros, tomada por D. Paio Peres Correia em 1242, o que parece mais provável.

D. Sancho II mandou restaurar as suas fortificações em 1239, dando-lhe foral com o título de Vila, e doando-a à ordem de S. Tiago nesse mesmo ano, com a obrigação de a povoar e prover à sua defesa.

Pouco se desenvolveu a povoação até 1250, em que D. Afonso III expulsou para sempre os mouros do Algarve. Foi então repovoada de novo.

D. Dinis mandou restaurar as muralhas, já muito arruinadas, e deu novo foral à vila, em 1287, no qual confirmava os seus antigos privilégios.

D. Manuel deu-lhe foral em

Lisboa em 1 de Julho de 1512, mandando também reparar a fortaleza, que é a desenhada por Duarte Darmas.»

Notas ao texto de D. Darmas

(1) – A vasta zona mineira que se estende desde o Rio Tinto, em Espanha, outrora pertença da Lusitânia e passa por S. Domingos, Aljustrel e Canal-Caveira até mergulhar no Atlântico, vem sendo explorada, embora com largas intermitências, desde os primórdios da idade dos metais. Nas várias vezes que percorremos a região compreendida entre os rios Guadiana e Chança até à serra de Ficalho, tivemos ocasião de encontrar abundantíssimos restos de explorações mineiras, especialmente de cobre, desde as mais

simples e rudimentares até às mais completas e modernas, como são as de S. Domingos.

(2) – Corre a versão que Mértola foi fundada pelos fenícios, à qual teriam dado o nome de Myrtilis. Ora Mértola já tinha muitos séculos de existência, e sofrido os embates da civilização de gregos e cartagineses, quando uma forte armada de fenícios fugidos de Tyro, por causa da tomada desta cidade por Alexandre Magno (História de Alexandre Magno por J. C. Droysen) aportou em 318 a. C. à embocadura do Guadiana, e, porque não lhe foi permitido ali estabelecer-se, subiu este rio, e veio fixar-se às vistas de Mértola, onde fundou uma colônia, que reatou momentaneamente as antigas relações económicas com os povos da Fenícia.



Mértola – Vista tirada da banda do nordeste.

A MAGIA DO CANTE



Sou guiado por cheiros. A minha memória é acima de tudo de matriz olfactiva. Se dum postigo entreaberto e lá do fundo do quintal vier um cheirinho a carne frita, ervas nossas, açoradas múltiplas, pão acabado de cozer ou tantos dos outros aromas que identificam a vida da aldeia, logo se me escancaram as portas da lembrança e me conduzem a momentos da vida em que aquele perfume esteve presente; mais das vezes revisitações da infância, local temporal onde devo de ter sido bastante feliz.

Não sei se por necessidade de regressar a esse tempo; se por vício de que não me consigo livrar, ainda hoje dou comigo a percorrer as ruas da minha terra, assim à hora a que o sol viaja para outras paragens.

E assim, num assomo de clandestinidade, vou metendo o nariz em tudo o que é fresta ou postigo à procura desse nirvana olfactivo que busco desde que me conheço.

Aqui há um tempo atrás, se calhar há mais de década e meia, ao fazer mais uma das minhas incursões odoríficas povo afora, segui um cheiro do louro que perfumava certa fritura. Coelho bravo talvez! A pista olfactiva conduziu-me a uma taberna centenária, que agora se chama A Cavaleriça, entretanto convertida à restauração,

mas que já teve outros nomes, regra geral, o das pessoas que a exploraram.

Era fim de semana, dia de sábado, para ser mais exacto. As mesas estavam cheias de homens que desfiavam lamentos em forma de conversa.

O cheiro da tal fritura que vinha lá da cozinha inebriava-me os sentidos. Pedi um jarrinho de tinto mais o respectivo petisco do dia e, sentado ao canto do balcão, por ali fiquei a admirar a paisagem sonora que se presentia.

Os homens, à medida que chegavam sacavam das suas navalhas e junto com elas saíam dos bolsos pedaços de conduto. De uma algibeira saltava um queijinho curado, de outra um pedaço de linguiça, havia ainda quem trouxesse azeitonas, tomates, pepinos, pêros e outros mata-borrões, que o vinho apesar de líquido, se bebido a seco é capaz de entornar os sentidos e borrar a opa.

Ali era a minha terra, o meu lugar, e aqueles homens, a minha gente. Muitos deles consanguíneos meus por remoto parentesco. Dei comigo a pensar!

Depois da conversa acabada e num momento em que o silêncio imperou, ouviu-se duma mesa lá do canto uma voz cantarrista que debita-

Às condenadas era perguntado se queriam morrer como cristãs. A resposta afirmativa conferia-lhes o direito (?!) a serem garrotadas antes de expostas ao fogo. As cinzas eram removidas três dias depois, aguardando-se que tudo estivesse devidamente consumido pelo fogo. Em Goa as cinzas eram lançadas ao rio Mandovi.

Foi em 1567 que a primeira portuguesa foi queimada (relaxada). De entre as trinta e oito passageiras das naus relaxadas na Índia, constam 6 “alentejanas do alto”. Da minha terra natal, Elvas, tiveram “direito a esse conforto” três, precisamente Isabel Alvares, viúva, em 1574; Leonor Ferrão, casada, em 1575 e Constança Mendes, viúva, em 1576, as duas primeiras em Goa e a terceira em Baçaim. A primeira alentejana a “relaxar” seria no entanto Catarina da Orta, casada, de Castelo de Vide, em 1569. Ainda em 1574, caberia a vez a Francisca Coelho, casa-

da, de Vila Viçosa, completando-se o naípe em 1577, com Guiomar Fernandes, viúva, de Estremoz, estas três “relaxadas” em Goa.

O “relaxamento” destas patrícias do século 16, ou acompanhavam igual tratamento dos seus homens, ou o complementavam quando já na situação de viúvas. Isto mesmo era referido numa carta que o inquisidor de Goa, Bartolomeu da Fonseca, dirigiu ao rei D. Sebastião, em 1578, “envergonhando-se” porque “sempre com as mãos no fogo, tinha tirado vidas, tinha desfeito casais”.

Foi, portanto, a própria tenebrosa Inquisição de Goa que acabou por nos dar aquilo que os historiadores ignoraram – a identidade de portuguesas viajantes nas naus da Índia.

Nota final: socorremo-nos de um artigo de Fina d’Armada, de Outubro de 1997, no semanário “Expresso”.

António Carretas

Sou daqui!

A cantata vai ganhando proporções épicas. As vozes afinam-se pelo diapasão dos minúsculos copos de tinto que escorrem pelas apressadas gargantas das vozes vagarosas.

Canta-se um pouco de tudo, mas sobretudo o trabalho, a dureza quase escravagista duma labuta que ainda paira na memória de quem o canta. Mas também se canta o sonho, mormente em duas das modas que me levam ao estremecimento.

Uma fala na vontade de quem a canta, de um dia se ir sentar no círculo que leva a lua, para de seguida, alguém ripostar com outra pérola do nosso repertório. Fala esta, duma águia que lá no alto vai voando de pólo em pólo, o que só por si denota a grandeza poética de quem a escreveu.

Estas são modas do ocaso, de fim de festa. São temas arrastados, pesados, cadenciados. Requerem muita noite de ensaio, muito copo de vinho e muito compasso respiratório. Este é um território onde só se aventuram os mais dotados, vocalmente falando.

Pela minha parte fico-me pela emoção de presenciar o momento.

Quando a noite se fez verdadeiramente noite, haviam ressoado pelas seculares paredes da velha taberna muitas das modas do nosso cancionário.

Depois da célebre — Vamos Nós Saindo — moda abaladiça que determina o fim da cantoria, na rua ainda entoavam algumas ébrias vozes que teimavam em perpetuar o momento.

No caminho que me devolve à realidade, carrego planura na alma. No silêncio da noite calada, apenas sinto o bater descompassado do coração e a estranha e nobre sensação de pertencer a um povo que para cantar tem necessariamente de se abraçar.

O cante está vivo e recomenda-se. Talvez já não se cante tão assiduamente de taberna em taberna como se cantava até há pouco tempo, até porque, também esses locais de culto foram aos poucos desaparecendo. Uns por via da falência da vida ou do negócio, outros por exigências modernistas que teimam em impor legislação que não se coaduna com a dimensão da actividade. E assim, aos poucos, vão desaparecendo esses emblemáticos templos onde o vinho era rei mas o cante, imperador.

De qualquer modo têm surgido nas últimas décadas, grupos infantis, femininos e masculinos. Uns na pátria do cante, outros em comunidades alentejanas espalhadas pelo país. Também há notícias de que o nosso género musical faz escola nalgumas associações lusófonas espalhadas pelo mundo.

O cante está tão vivo que até se candidatou a Património Imaterial da Humanidade. Apoio e torço para que esse galardão lhe seja atribuído, mas caso a decisão não lhe seja favorável, será sempre, mas sempre... Património Emocional da Alentejanidade, e essa... é a magia do cante!

À memória de Mário Elias

Já não se ouvem as sonoras gargalhadas do pintor vagabundo, do homem despojado, que trazia Mértola na pegada, no olhar, nos gestos, na alma livre.

Mário Elias encarnou a essência do Alentejo: a segura da luz violenta, a desmedida visão dos horizontes, a solidão, o silêncio, – a fragilidade do ser humano perante uma natureza intensa!

Os versos do poeta dramático, imbuídos de tonalidades vivas das suas telas, ressoam na memória, em gritos de terra com voz de pássaro inquieto...

Vinho, versos e pintura – assim se podia resumir a caminhada daquele para quem qual-



quer recanto era bom para filosofar, desdenhar, poetar.

Já não escutamos as palavras soltas do anarquista, que ainda se apaixonava, em devaneios que inventava, contemplando do seu lugar enluarado uma realidade que alimentava a alquimia dos sonhos.

Na pele dos dias, transcendia a condição do Ser. E voava, com vocábulos, que na sua voz eram rastros de cometas.

Já não ficamos arrepiados com o sonoro sarcasmo do artista. Ele espera-nos, noutra lugar...

*Para o Luís Maçarico meu
velho amigo das lides literárias
com afectos de veras
amistades, ofereço o
Mário Elias*

Mértola, 12-09-2009



As relaxadas do Alto Alentejo

Se formos ao dicionário, a palavra relaxada aparece como desalinhada, negligente, que evidencia desmazelo; ou distendida, frouxa, descontraída; ou ainda repousada, descansada, dissoluta.

Não imagino as minhas patricias com aquela quantidade de adjetivos referidos. A uma ou outra poderá assentar a palavra, que tem um certo sentido pejorativo, mas, na generalidade, acredito que tal não acontece.

O termo reporta ao século 16 e não tem nada a ver com o actual significado. Podem, portanto, as patricias estar descansadas.

Nas naus de “quinhentos”, quando os portugueses rumavam às Índias Orientais, naquele século de viagens marítimas inseguras e tormentosas, viajaram também mulheres, enfrentando igualmente os caprichos

dos oceanos.

Uma das provas que centenas de mulheres portuguesas andaram nas naus da Índia, existe na documentação da Inquisição de Goa. E isto porque também elas sofreram as diatribes do então designado de Santo Ofício. Dizia-se, talvez ironicamente, que “foi detectado que o corpo feminino ardia tão bem como o masculino” (?!).

A epopeia dos descobrimentos não foi só feito masculino. As mulheres também estiveram lá e por lá deixaram as suas cinzas.

De entre aquelas que a Inquisição queimou, ou seja nas “relaxadas” como então se dizia, sendo o maior grupo a embarcar constituído por cristãs-novas, trinta e oito viajantes femininas das naus da Índia foram relaxadas nas fogueiras da Inquisição entre 1567 e 1579.

domingo, juras? Se não, vem do branco.

– Tá a ver como tenho razão? Queria vinho, mas vai de nam dizer se era branco ou tinto.

– Vinho, porra! Vinho! Traz vinho da adega, Leónidas!

– É isso, quero saber, o patrão não se decide, é traz vinho tintol, ós depois traz vinho do padre, eu só tenho um ouvido escorreito, mas vi bem que o patrão nam sabe o que quer!

– Sei, sei, mas antes sou capaz de te ir ao focinho...se não estiver paralítico, já se vê! VAI BUSCAR O VINHO, LEÓNIDAS!

– Pronto, pronto! Trago dos dois e o patrão escolhe pela sua veneta!

– FORA!

– Já estou a sair, patrão, nam grite comigo, nam tem por isso, caraças!

O Leónidas arrisca-se muito comigo, onde vou buscar a pachorra para o ter por cá e não o correr à ponta da bota direita que é aquela com que chuto melhor, é pra muitos uma misteriosidade.

Para mim não é tanto.

Velho e casmurro, tem como modo de pensar o que já não há nem nunca devia ter havido, a resignação.

Em pequeno com as sopas de vinho para não chorar, meteram-

lhe pelos costumes abaixo, as lérias de que um povo é como nasce, e já foi uma chatice nascer.

Vistas curtas, sofrimentos morais longos, descrença e lassidão, vieram de mistura com o sangue árabe, pouco caldeado pelas virtudes lusitanas da luta

O resultado foi o ter crescido vergado e com a vontade curta de desejos de andar para a frente. Dizia-se indomável...quando estivesse para isso, antes não que está muito calor

– Patrão!

– Hem? Ah, és tu, diz.

– Quer uma canada de cada ou um garrafósio chega?

– Leónidas!!! Leónidas traz vinho nem que seja no teu chapéu!

– Assim explicado...é melhor! Vou andando, vou andando...

Sempre fui contra as anedotas de alentejanos parvos e com outros defeitos que sei que não são reais. Olhando bem, vê-se que começa a haver mudança, o sangue vertido deu origem a forças novas. Haja esperança!

Nesta terra, sacudido o peso do Salazar e depois o da ditadura que os comunistas queriam instalar por aí, apareceu gente capaz, nova e mesmo alguma velha de boa cepa, que deu uma volta nesse Alentejo das anedotas.

O chaparro não fugiu, o calor

HENRIQUE POUSÃO

A morte a destempo

Genial! Henrique César de Araújo Pousão é bem uma figura de alentejano de que todos nos orgulhamos.

Já ouvi dizer que ninguém pode escolher o lugar onde nasce, não se pondo no entanto a mesma proibição quanto ao lugar onde se morre. No caso concreto de Henrique Pousão, veio à vida no Alentejo, Vila Viçosa, porque o pai, Francisco Augusto Nunes Pousão, era delegado do Ministério Público em Elvas. Portanto, não foi escolha sua ter nascido em Vila Viçosa. Mas foi decisão inequivocamente sua vir morrer no Alentejo, a Vila Viçosa, quando, estando em Capri, sentiu a morte aproximar-se.

Henrique Pousão nasceu a 1 de Janeiro de 1859, filho de Francisco Nunes Pousão e de Maria Teresa Alves de Araújo.

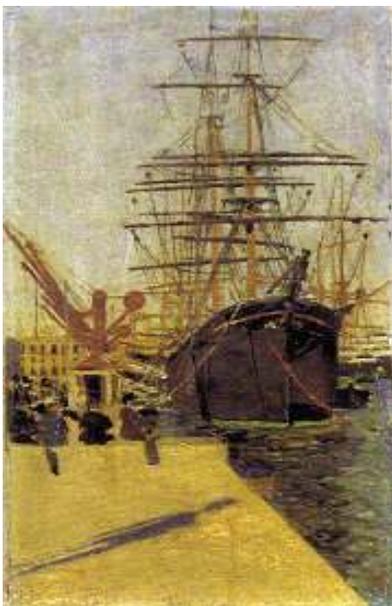
Estudou em Portalegre até 1872. A partir daqui seu pai foi transferido, no âmbito da sua actividade profissional, para Barcelos, e Henrique Pousão começou a estudar no Porto, no atelier do pintor António José da Costa; mais tarde, prestou as



respectivas provas na Academia Portuense de Belas Artes, onde facilmente se distinguiu, recebendo variadíssimos prémios, alguns dos quais monetários.

Completo os cursos de pintura, escultura e arquitectura, em todas as áreas, distinguindo-se em situações várias.

Em 1880 foi para Paris por ter sido aprovado nas provas de candidatura ao pensionato, tendo aí tido como professores alguns dos importantes nomes da época. Foi em Paris que uma



Cais de Barcelona

constipação, gripe ou resfriado, provavelmente mal tratada, lhe traçou o final a curto prazo.

Foi esta situação que o obrigou a abandonar França, deslocando-se então para Itália, por onde viajou na procura de um clima temperado, fixando-se em Capri, não sem antes ter tido alguma participação e estudo no círculo de artistas de Roma.

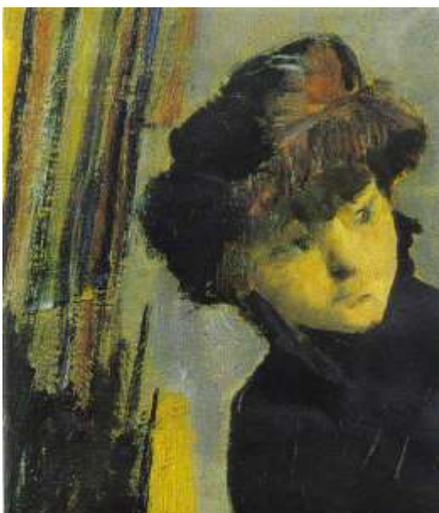
Foi em Capri que pintou uma parte significativa das suas telas, parecendo sentir que o tempo que restava era escasso, tanto mais que por todos os médicos tinha já sido desengano.

Regressou a Vila Viçosa em 1884, apressadamente, morrendo a 20 de Março com 25 anos.

A esmagadora maioria da sua obra encontra-se exposta no Museu Soares dos Reis, na cidade do Porto. Sinceramente, recomendamos uma visita atenta.

.....

Daqui, neste Janeiro de 2014, tomo a liberdade de lançar o desafio ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Vila Viçosa, para que, juntando à sua volta as instituições ligadas à cultura, a nível regional e nacional, promova uma homenagem a este enorme alentejano, para que não caia no esquecimento.



Senhora vestida de preto

Leónidas, traz o vinho, caraças!

.....

– Leónidas! Leónidas, porra, não me ouves?

– Oiço, patrão, oiço, mas é só de um ouvido...

– Porquê, a tua mulher arrancou-te a outra orelha?

– Não podia...

– Não podia o quê, tirar-te a orelha?!!

– Nam, nam proque estava encostada à enxerga...

– Já cá me parecia que havia enxerga no caso.

– "Tamém" nam enxergo bem, o olho direito está coxo, já vê vomecê porque nam o podia ouvir chamar.

– Tens algum pé cego? Ou perna? Já agora...vê lá bem porque não quero chatear os teus problemas!

– Vai-me do tornozelo às cruces um arrepio que passa aqui pelo senhor da humanidade, ó patrão, sabe como é...

– O senhor da humanidade? Sim sei, é aquele que a tua mulher diz que não serve para nada...só mija.

– Ela disse-lhe isso, patrão?

– A mim? Não! Só contou ao

mulherio todo que têm os maridos na venda do Serafim.

– Ai a cabrona!

– Olha, Leónidas: cabrona não é a mulher de um cabrão?

– D'um cabrão que eu esfolo se me aparecer p'la frente!

– Essa é fácil...Podes começar quando quiseres...

– Eu num seja home, se não esfolo!

– Bem, enquanto esfolas e não esfolas, antes que fiques sem pele, vai à adega e traz vinho.

– Qual, patrão?

– A adega cá do monte, não sabes qual é?

– Qual vinho, patrão, não me faça estúpido, olhe que nam gosto! Qual vinho é que vou buscar?

– Vinho só há um com esse nome, o tinto. Mas deixa-me ver...Hoje é quarta-feira...com tantas pressas e perguntas se calhar é melhor começares a trazer já o vinho da missa do domingo que ainda começa a reza antes que chegue cá o tintol.

– Tintol? Ah, podia ter dito, tintol, claro, vou já na achega.

– E chega antes da missa de

SAIR DO EURO NÃO É SOLUÇÃO

.....

para os actuais problemas de Portugal



A saída do euro não resolve os actuais problemas estruturais que Portugal enfrenta, bem pelo contrário, agravá-los-ia substancialmente, seria a maior derrocada que nos poderia acontecer. Esta situação só seria viável com o perdão de grande parte da dívida, já que haveria uma total incapacidade para o seu pagamento integral.

Compreendo o ponto de vista e até concordo com a defesa que o professor João Ferreira do Amaral, do ISEG – Instituto Superior de Economia e Gestão faz de que Portugal não deveria ter aderido ao Euro. Contudo, já não posso concordar com a defesa que faz de uma actual saída, pois seria desastroso para a vida da maioria dos portugueses, sobretudo para todos aqueles que vivem dos seus salários e das suas reformas.

Mesmo em condições negociadas no quadro da EU - União Europeia e do FMI - Fundo Monetário Internacional, esta situação levaria a uma super desvalorização na nova moeda, que em vez de “Escudo” se poderia chamar “Luso”, essa desvalorização nunca

seria inferior a 50%, talvez 60%, fazendo com que os bens importados, matérias-primas, combustíveis, viaturas, viagens e estadias no estrangeiro custassem mais de 60%, os salários e as pensões desvalorizavam cerca de dois terços, o ordenado mínimo situar-se-ia por volta dos 200€, a dívida de Portugal aumentaria para o triplo na nova moeda, os juros mais que triplicavam, voltaríamos a estar equiparados aos países do terceiro mundo, seria um desastre de consequências imprevisíveis para os próximos 30 anos, com grandes taxas de inflação, situação que levaria ao isolamento europeu, ao descrédito perante a Europa e o Mundo, tornando-se a dívida actual impagável, além do corte radical dos meios de financiamento externo.

Se actualmente se reclama pelos valores dos ordenados e das reformas serem muito baixos, comparativamente com os outros países da EU, como é que seria nos próximos vinte ou trinta anos?

A saída do Euro não será de perto nem de longe uma solução para os défices e problemas estruturais da economia Portugal, só o será em teoria, sem se viver o real impacto e as consequências de tal situação em casa própria ou a vejamos na casa do vizinho, não a sabemos avaliar! Que seja um outro país a viver primeiro essa experiência, porque aí poderemos ver o desastre, o que nos ajudará a medir e a meditar nesta desastrada aventura.

também não e até se gosta de uma sesta, de uma pinga, não há mal nisso. Houve que lutar ou aprender com espanhóis, lituanos e até bifes bêbados, que sabiam cultivar e dar novos usos e produtos à terra. Hoje, as culturas com ordem da política, deram, estão a dar, outras políticas para as terras e culturas. É necessário que o que lá foi lá foi, e que não volte! Hoje...

– Patrão! Olhe aqui.

Olhei. O Leónidas, relho, não pertence a nenhum dos mundos com que estou a sonhar para o Alentejo. Nele não há inteligência, pingo daquilo que esta terra precisa e merece. Nela e logo nos "Leónidas", há o terrível defeito do "não te rales que o dia é longo a está um calor do carago". Os tais feitios árabes sem as virtudes da persistência! São más raízes que custam a arrancar.

E se calhar o resultado dos Leónidas terem existido, é mesmo castigo e fado português, embora duvide fortemente, tal é a má qualidade do produto que não vai bem com os Cabrais e Gamas cantados por Camões! Mas este Leónidas....

– Patrão. Vomecê vendeu o branco todo para a "comprativa", como é quer que lhe traga vinho para a missa?

– Já te confessaste esta sema-

na?

– A quem patrão? Que polícia é que anda atrás de mim? Nam tenho nada para confessar!

– Ao padre, Leónidas, se já te confessaste ao padre?

– Nam, mas proquê?

– Devias. Porque quem morre sem se confessar, vai assar no inferno, e estou quase a despachar -te para lá!

– Olha, Patrão, assar no inferno? É diferente daqui do Alentejo em Agosto? Se não é, já 'tou habituado!

Digam-me que o inferno é aqui para os lados de Serpa, e eu acredito. Digam-me que o Leónidas representa aquilo que um povo não pode ser e já não é, e eu acredito.

Digam-me que em Portugal, os "Leónidas" vão desaparecer para termos um país melhor, e eu esperançosamente acredito.

Afiancem-me que não há nenhum troca-tintas político chamado Leónidas, e eu sorrio e vejo um bom futuro para todos. Poderemos esperar por isso? Acham que conseguiremos?

– Patrão! Atão que faço?

– LEÓNIDAS, ACORDA, TRAZ VINHO, CARAÇAS!

– Branco?

Faço figas...

NO MORRO DE SÃO BENTO

Importância das artes tradicionais no espaço lusófono

Os imigrantes da Ilha da Madeira instalaram-se nos morros de Santos e especialmente no Morro de São Bento, por volta de 1885, onde abrigaram suas famílias. Esses lusitanos possuíam muita experiência em construção erguida em relevos acidentados parecidos com o seu lugar de origem. A partir de 1945 até 1950 em decorrência da crise económica na Europa, depois da II Guerra Mundial, grande leva de imigrantes madeirenses chegou a Santos. Muitos deles chegaram através da “Carta de Chamada”, documento assinado por patrícios ou parentes e submetidos à aprovação e registo no Consulado de Portugal da região, assegurando aos imigrantes passagens marítimas e outras condições, como: emprego, acomodações com domicílio por algum tempo. Essas despesas posteriormente eram reembolsadas pelo favorecido. Mas os tempos eram difíceis, principalmente para quem chegava a terras estranhas e com pouco dinheiro. Com muito esforço as ilhoas retomaram o tradicional hábito da execução dos bordados da Ilha da Madeira. Isso garantia uma preciosa fonte de renda para o custeio das despesas do lar.

Na década de 50 o Brasil era impulsionado pelo parque indus-

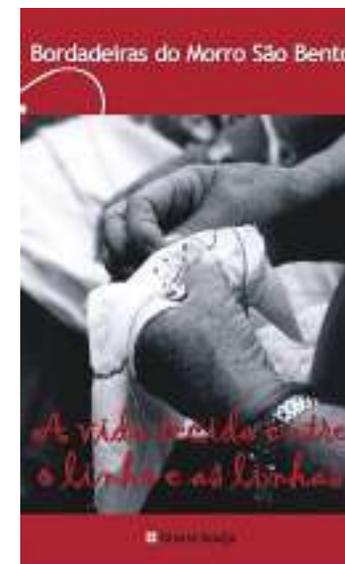
trial, iniciava-se aí uma luta desigual entre as bordadeiras do Morro São Bento contra a concorrência das máquinas e consequentemente a desvalorização dos bordados feitos à mão, por serem mais caros que os produzidos à máquina. Diante da produção em escala industrial, o trabalho artesanal não podia competir com os preços de mercado. Junta-se a isso a necessidade do trabalho da mulher fora do lar em actividades menos desgastantes e melhor remuneradas. Os bordados passaram a ser comercializados através de intermediários (agenciadores) das grandes lojas e oficinas de São Paulo - Capital e de Santos, que já traziam as encomendas definidas: tipo de pontos, tecido, linha, riscado e com preço e mão de obra pré-estabelecidos, não permitindo qualquer espaço a criatividade, desestimulando ainda mais o interesse das bordadeiras de transmitirem às filhas a sua técnica adquirida ainda muito criança, com suas avós e mães.

Diante desse quadro de total desestímulo, essas bordadeiras continuadoras do fino artesanato, diminuíram a produção e muitas delas chegaram a abandonar a actividade. Para combater a desvalorização do bordado e incentivar a

revitalização da prática, as bordadeiras se reuniram juntamente com a Secretaria Estadual de Promoção Social, onde estabeleceram um acordo de que a secretaria disponibilizaria a verba para aquisição do material e com o início das produções houve o empenho na divulgação do trabalho. Um ano após a reunião em 1985, foi criada a União das Bordadeiras do Morro São Bento. Em 1989, os componentes da União das Bordadeiras se constituíram num grupo autónomo, detendo os seus próprios meios de produção e colocando os trabalhos directamente no mercado.

Mas o que é esse bordado que tanto se fala? São bordados livres, sem fios contados, permitindo à artesã maior criatividade. É originário da Costa Sul da Madeira e que em 1881, tiveram grande desenvolvimento, com estabelecimento das exportadoras alemãs no Funchal, capital da Ilha da Madeira. Ele apareceu pela primeira vez em público por volta de 1850, quando o Governador Civil do Funchal promoveu ampla exposição dos principais produtos madeirenses. Entre esses, não podia faltar o seu bordado, que de tão belo, provocou a admiração e o entusiasmo dos presentes.

No caso das bordadeiras do Morro do São Bento, pode-se atribuir a arte do bordado aos três tipos de valor, pois no que se refere o cognitivo, a impressão das linhas no tecido possui um valor documental, propagando a arte e a cultura do bordado, no valor estético compreende-se a unicidade do bem



que leva as características da pessoa que é feita agregada com a prática que transcende os séculos, além da especificidade do modo de fazer, o posicionamento da mão da linha, entre outras características. E por último o valor afectivo que é atribuído por ser uma prática que remete a família, a terra-mãe, onde as anciãs das famílias ensinavam aos mais novos, a cultura passada de geração em geração.

Apesar de todos os valores que podemos atribuir como bem, credita-se que o principal, no caso das bordadeiras do Morro do São Bento, seja o conhecimento da arte de fazer que desde a “Convenção para a Salvaguarda de Património Cultural Imaterial” aprovada pelo Brasil em Abril de 2006, foi atribuído como um património cultural imaterial.

A Forcadagem

Forcados amadores de Arronches



O Grupo de Forcados Amadores de Arronches, tal como muitos outros grupos deste país, nasceu da afição de um punhado de jovens amigos de uma vila tradicionalmente alentejana.

Foi fundado em 1998, como Grupo de Forcados Amadores de Arronches em Outubro, pegando em espectáculos com artistas amadores, denominados por variedades taurinas, chegando mesmo a pegar, antes da sua apresentação

com jaquetas, em Portugal, na localidade de Valsallor, Badajoz, em Espanha. O bom evoluir e a chegada de novos elementos ao Grupo, fez com que, na noite de 12 de Junho de 1999, fizesse a sua estreia oficial, já de jaqueta. O cartel foi composto por três Amazonas, Victória Santana, Espanhola, Ana Batista e Sónia Matias, na Praça de Touros de Arronches ficando para a história como seu Grupo Padrinho, o Grupo de Forcados Amadores de Lis-

AVIFAUNA

O Bufo Real



O bufo-real pertence a uma família onde se incluem os mochos e as corujas, sendo a maior ave de rapina nocturna, com um comprimento que ronda os 70 cm, uma envergadura de cerca de 1,60/1,70 metros, pesando à volta de 2,5 kg, e com a particularidade de as fêmeas serem maiores do que os machos.

Possui uma longevidade significativa, oscilando entre os 10 e os 20 anos, e em cativeiro pode atingir a idade de 40 anos.

Distribui-se pela Europa, Ásia e Norte de África, habitando

regiões com pouca ocupação humana, normalmente maciços montanhosos, encostas de serras, vales rochosos, falésias litorais, todas elas zonas com escarpas que lhes servem de abrigo.

É castanho na parte superior do corpo e amarelo ferrugíneo na inferior, apresentando uma plumagem com manchas que faz lembrar a coloração das cascas de árvores.

Possui dois grandes tufo de penas no alto da cabeça, não visíveis quando em voo, dois grandes olhos alaranjados, patas cobertas



de penas e garras bastante fortes. A sua audição é excelente, o que lhe permite ouvir qualquer ruído e detectar facilmente as suas presas. O voo é rápido e silencioso, com batimentos pouco profundos, alternando o bater das asas com o planar, em especial em voos de observação, a pouca altura.

Em Portugal é mais comum nas zonas do interior - a faixa fronteira de Trás-os-Montes, Beiras interiores, Alentejo e Algarve, com as populações mais relevantes a localizarem-se nas bacias do Douro e Tejo internacionais, na bacia do Guadiana e serranias do Sul (Caldeirão) até ao barrocal algarvio. Não existe nos arquipélagos da Madeira e Açores.

As poderosas vocalizações do bufo-real marcam o território onde vive, sendo mais acentuadas nos meses de inverno, emitindo os seus chamamentos sobretudo ao anoitecer e ao amanhecer. É de

difícil observação, raramente aparecendo de dia e sendo por isso mais facilmente ouvido do que visto, até porque o seu canto pode ser escutado num raio de 5 km.

Caça ao anoitecer. Geralmente alimenta-se de pequenas presas como ratos, coelhos, ouriços, patos, lebres, etc, podendo igualmente capturar animais de maior porte, como raposas, lontras e até outras aves de rapina, tornando-se assim um super predador importante nos ecossistemas onde habita, controlando de certa forma o número e densidade de outras espécies de predadores. Por outro lado, ajuda a manter estável o número de espécies-presa, como os roedores, contribuindo para evitar doenças e pragas.

O modo de caçar não é uniforme, podendo capturar as presas em campo aberto, numa perseguição silenciosa, ou esperá-las num poleiro, até que fiquem ao seu alcance. Em regra, o impacto mata-as instantaneamente, mas no caso das maiores, esmaga-lhes o crânio com as garras ou parte-lhes a coluna com o bico.

Por vezes é violentamente agredido por gaivotas e gralhas, que o atacam em bando.

É uma espécie monogâmica, sedentária, a relação do casal é permanente e ambos os progenitores cuidam das crias. O bufo-real dorme habitualmente em plataformas rochosas, bem como na parte superior de árvores, por vezes já secas, podendo ainda utilizar pos-

tes de electricidade ou telhados de construções em ruínas. Os membros de cada casal dormem, em regra, separados por algumas centenas de metros, mas durante a reprodução a fêmea dorme no ninho e o macho perto dele.

Nidifica por volta de Março/Abril, em cavidades de rochas ou de troncos de árvore, por vezes mesmo em edifícios antigos ou ocupando os ninhos de outras aves. Mantém-se fiel à área de nidificação durante vários anos. A postura é de 2 a 4 ovos, brancos, com um período de incubação de cerca de 5 semanas, período durante o qual a fêmea (no ninho) é alimentada pelo macho, situação que se mantém durante o primeiro mês após o nascimento das crias. Passado esse mês, estas começam a explorar a área exterior ao ninho, poucos dias depois já conseguem voar alguns metros, tornando-se por fim independentes e, com cerca de seis meses, abandonam o território dos pais. A maturidade sexual é atingida entre o segundo e o terceiro ano de vida.

Esta ave tem uma classificação de 'quase ameaçada', com um risco de extinção ainda reduzido, embora em regressão significativa nas últimas décadas. Em Portugal estima-se uma existência entre 200 a 500 casais. Como factores de ameaça mais relevantes, apontaremos os seguintes:

- A colisão e electrocussão em linhas de distribuição e transporte de energia (a utilização de

apoios eléctricos como dormitório e poiso de caça é frequente);

- A perseguição humana - roubo e destruição de ninhos, abate a tiro, utilização de iscos envenenados, nomeadamente por ser considerada uma espécie 'destruidora de caça';

- A redução, por doença, das populações de coelhos (presa favorita);

- A redução dos habitats de nidificação e alimentação, devido à construção de infra-estruturas (barragens, parques eólicos, estradas);

- A alteração e mesmo o abandono de práticas agropecuárias tradicionais, originando a diminuição das populações de presas.

Como forma de contrariar estas ameaças, impõe-se conhecer melhor esta ave, através do incremento do seu estudo numa base científica. Só um maior conhecimento permitirá uma melhor defesa da espécie e um trabalho em bases sólidas visando a sua preservação.



meio mundo. As últimas notícias (22/12/2013) apontam para um nível recorde de radiação. A humanidade poderá estar à beira de uma catástrofe de proporções nunca vistas e consequências inimagináveis: “Uma guerra nuclear sem guerra”, na expressão de um escritor japonês, Haruki Murakami (2). “Ninguém lançou nenhuma bomba sobre nós. Nós a lançámos sobre nós próprios,” acrescenta.

As dificuldades na reparação/demolição da danificada central nuclear japonesa têm aumentado de forma alarmante. Neste exacto momento, decorre a remoção dos bastões radioactivos danificados. Segundo especialistas, se algo correr mal ou se surgir outro tremor de terra de grau superior a 7, a catástrofe pode ainda aumentar, sendo dezenas de vezes superior à de Chernobil. Pode, no extremo, tornar inabitável todo o hemisfério Norte durante séculos. Estamos a falar de uma situação cuja radiação equivale a cerca de 14 mil vezes a bomba lançada pelos americanos no fim da 2ª guerra mundial na localidade também japonesa de Hiroshima (2).

Neste momento a nuvem radioactiva alastra pelo Japão, obrigando à evacuação das populações de zonas envolventes cada vez maiores. A costa oeste dos EUA já foi atingida pelos ventos radioactivos que atravessam o oceano Pacífico. As águas poluídas estão a caminho e aí chegarão

em breve. Ironicamente, serão os próprios EUA os primeiros, depois do Japão, a sofrer os impactos da negligência da empresa exploradora, a norte-americana Tepco. As delicadas tarefas de remover os destroços, evitar as fugas de água radioactiva e selar a semi-destruída central nuclear continuam a estar nas mãos dessa empresa, segundo alguns, incompetente e corrupta. O governo japonês parece estar mais interessado em criar um conflito militar com a China do que em resolver o problema.

Problema esse que já ultrapassou as fronteiras japonesas para se transformar numa questão mundial. Cientistas de vários países apelam aos responsáveis políticos mundiais para uma conjugação de esforços que permita encontrar uma saída para esta situação extraordinária, que requer, também ela, soluções extraordinárias (3). Mas esses dirigentes em quem os povos delegaram a responsabilidade de bem gerir este planeta parecem mais, como dizia um comentador político, um bando de irresponsáveis chimpanzés brincando com granadas. Talvez com a excepção da Alemanha, que está a tomar medidas para impedir novas centrais, embora apenas no seu território, nenhum responsável político parece importar-se com o futuro (4).

Estes casos espelham bem os perigos a que pode estar exposta a



boa. Foi seu cabo Fundador o Exmo. Sr. Joaquim Praxedes, que de 1999 a 2006, proporcionou a todos aqueles jovens a hipótese de vestirem uma jaqueta e de ombrearem e viverem com grandes nomes da forcadagem, levando o nome de sua terra.

No ano de 2006, na noite de 23 de Junho, com um cartel composto pelos cavaleiros, António Ribeiro Telles, o espanhol Álvaro Montes e Francisco, o cabo Joaquim Praxedes pas-

sou o comando do Grupo para Ricardo Porto Nunes, tendo o grupo pegado em solitário um curro da ganadaria alentejana, de Rodolfo André Proença. O actual cabo, agarrou o leme do grupo, quando este se encontrava quase inactivo, já que em tinha efectuado apenas 2 corridas em 2003, Arouca e Arronches, e uma nas temporadas de 2004 e 2005, na praça da sua terra. Foi o início de um projecto para o futuro com muitas caras novas, mas mantendo,

um punhado de elementos fundamentais do grupo.

Nestes últimos anos o Grupo assumiu posição, no panorama taurino nacional e internacional, honrando e dignificando a arte de pegar toiros por toda a Península Ibérica, tendo pegado de 2007 a 2013, em 128 espectáculos.

Na temporada de 2013, o Grupo pegou 17 vezes, em Portugal e 7 em Espanha, totalizando 24 espectáculos.

Em Abril de 2010, apresentou-se na Praça de Touros da Ilha Terceira.

Todas as temporadas, tem o gosto de pegar, pelo menos, uma Corrida de 6 touros em solitário.

Neste momento compõe o Grupo cerca de 40 elementos no activo, tendo alguns deles sido distinguido com prémios, de melhores forcados, forcados revelação e o Grupo considerado Grupo revelação, na temporada de 2010.

Muitos também foram os prémios para melhores pegas que os nossos elementos têm trazido para a Nobre Vila de Arronches.



A PARÁBOLA DOS CEGOS

Perigos do nuclear - Fukushima



«Cegos guiando cegos» de Pieter Bruegel, 1568.

Uma das mais perigosas situações que hoje os povos enfrentam resulta da grande disparidade entre os avanços tecnológicos dos últimos decénios e a incapacidade para entender os perigos no seu manuseamento por parte dos políticos responsáveis por questões vitais para a humanidade. Muitos deles comportam-se como os cegos da parábola: cegos conduzindo outros cegos à beira do abismo. Completamente alheios daqueles que lhes confiaram uma boa parte da condução das suas vidas, pensam exclusivamente em si e na sua gente. Sem ava-

liar as consequências dos seus actos, nem para as maiorias que prometeram governar da melhor forma, nem para o próprio planeta que, recorda-se, é o único que temos.

Vem esta alusão a propósito, mais uma vez, da catástrofe de Fukushima (1) que tenho abordado em artigos anteriores. Volto ao assunto, contrariando a promessa de não mais o fazer, porque a gravidade da situação assim o obriga. Longe de estar resolvida como prometido pelos responsáveis, começa a ficar totalmente fora de controlo, ameaçando literalmente

A coragem não morre

.....

rondam os gafanhotos a flor do basalto
onde se enrola o fio da sede e as ilhas
balançam no sono do mar: ao largo
enjoam europas de sobressalto e asas
rasam vigílias esfomeadas no estupor
das achadas. não se calam esperanças,
não se matam vontades nem testemunhos.
do opróbrio zarpámos
e na rocha nos alapamos
sobreviventes.

a vírgula inquieta-se como o gafanhoto
para saltar sobre a secura: as dúvidas
são acácias empestando o pensamento
e ludibriam a luxúria verde – na raiz
medra o sequeiro. tudo estiola
e é paixão arrefecida no calor das tardes:
tudo estiola como secam as vontades.
é o novelo da mágoa
que escorrega das fragas
e nos faz resistentes.

a alegria da noite humedece o covão
e o chão fervilha a bonomia da água
– já o milho canta. e já a cana escorre:
há o amor desfazendo leitos. rumores
de seivas esquentando a garganta
empinam a ternura e dão fôlego à carne
: arde a esperança: a coragem não morre.
fixamos os pés
e desafiamos a dor
surpreendentes.

humanidade quando os mais altos
responsáveis políticos se compor-
tam como os cegos da parábola,
conduzindo os povos na direcção
do abismo. Os cegos conduzindo
outros cegos é cada vez menos
uma parábola e mais uma terrível
realidade. A dificuldade em com-
preender as tecnologias perigosas
aumenta com o acentuar da crise
moral e a ascensão de dirigentes
ignorantes e mentalmente pertur-
bados ao poder. É urgente agir
antes que a cegueira destes diri-
gentes nos atire para o abismo. Os
técnicos e cientistas responsáveis
de todo o mundo têm o dever de
intervir tecnicamente para evitar o
desastre total (5). Aos povos com-
pete afastar do poder os incons-
cientes dirigentes mundiais que os
(des)governam.

O número e a intensidade das
catástrofes naturais aumenta em
cada ano que passa. É impossível
não relacionar esses factos com o
acentuar da depredação provoca-
da pelo homem no ambiente.
Crescem os acidentes provocados
pela negligência e a sede do lucro.
A fila dos cegos é interminável e
Fukushima está aí, ao virar da
esquina.

NOTAS

(1) – A catástrofe de Fukushi-
ma, na costa oriental do Japão,
ocorreu na central nuclear do mes-
mo nome, às 14h45 de 11de Mar-
ço de 2011, na sequência dos

danos causados nos reactores por
um sismo ao largo do Japão,
seguido de tsunami, para os quais
as instalações não estavam prepa-
radas para resistir. Os trabalhos
de reparação têm merecido as
críticas da comunidade científica,
que os considera deficientes e
perigosos.

(2 – Citado por Michel Chos-
sudovski – (Global Research).

(3) – Neste momento decorre
uma “Petição apelando para uma
acção imediata sobre as incontro-
ladas descargas radioactivas na
central nuclear Tepco’s de Fuku-
shima”.

<https://fs220.xbit.jp/n362/form2/>

(4) – A teoria dos donos do
poder no mundo, muitos, accionis-
tas de petrolíferas em diferentes
continentes, ou donos de minas de
carvão, ou de montadoras, ou de
siderúrgicas movidas a carvão, é
que a tecnologia resolverá o pro-
blema. E assim vão ganhando
tempo. Que depois faltará, certa-
mente.

<http://www.cartamaior.com.br/?/Editorial/Meio-Ambiente/Mudanca-climatica-a-insanidade-comanda-o-planeta/3/29541>

(5) Especialistas da ONU
começaram recentemente a cola-
borar na inspecção dos trabalhos
de Fukushima. (Prensa Latina).

A IMPORTÂNCIA DO LIVRO

O Livro Vivo



Com o seria o primeiro livro?

Seria impresso ou escrito à mão?

Seria de pano ou de qualquer outro material? E se, por acaso, ainda existe, poderá ser encontrado em qualquer

biblioteca?

Conta-se que houve uma vez um homem suficientemente ingênuo para querer procurar este primeiro livro em todas as bibliotecas do mundo. Passava dias inteiros a rebuscar em montes de livros carcomidos e amarelecidos pelo tempo. Já tinha o fato e o calçado cobertos de uma espessa camada de pó como se acabasse de chegar de uma longa viagem por uma estrada poeirenta. Por fim, caiu de uma daquelas grandes

escadas que se apoiam nas prateleiras das bibliotecas e morreu. Mas ainda que ele tivesse vivido mais cem anos, as suas pesquisas não teriam dado quaisquer resultados, apesar do primeiro livro ter aparecido na terra muitos milhares de anos antes de ele nascer.

O primeiro livro conhecido pela Humanidade em nada se parece com os dos nossos dias. Em nada se parece, porque tinha pés e mãos e não estava arrumado numa prateleira. Andava, sabia falar e até cantar; e deslocava-se de terra em terra. Enfim, era um livro vivo: era um homem!

Nesses tempos remotos, quando os homens não sabiam ler nem escrever, quando não existiam nem livros, nem papel, nem tinta e muito menos canetas, as tradições dos antepassados ficavam guardadas nas memórias dos mais velhos. As leis e as crenças não se conservavam em prateleiras, mas na memória dos homens. Estes morriam, mas as tradições continuavam vivas e transmitiam-se de pais para filhos. Ao passa-

rem de boca em boca, as histórias modificavam-se um tanto. Tal como os pontos que se acrescentam nos contos, também aqui os retransmissores acrescentavam umas coisas e esqueciam-se de outras. Tal como as águas dos rios nas superfícies das pedras, o tempo polia-as e tornava-as mais lustrosas e atraentes. A lenda de um bom guerreiro tornava-se a história de um gigante que não temia nem o dardo nem as setas, que corria pelos bosques como um lobo e que dominava as alturas como uma águia.

Nos recantos ignorados deste mundo há ainda uns velhos que contam estas histórias de que nunca poderíamos encontrar a origem escrita; chamam a essas histórias contos de fadas ou lendas.

Há muito tempo, na Grécia, costumava-se cantar a Ilíada e a Odisseia, que eram as histórias das guerras havidas entre Gregos e Troianos. E passaram-se séculos antes que alguém escrevesse o que se cantava.

Um cantor, ou *aedo*, como lhe chamavam os Gregos, era sempre bem recebido numa festa.

Imaginemo-lo sentado, encostado a uma coluna larga, com a lira pendurada por cima

dele. O banquete está quase no fim, estão vazias as grandes travessas de carne e vazios estão também os cestos de pão. Acabaram de retirar as taças de ouro de duas asas; os convidados estão satisfeitos e esperam a música.

O *aedo* pega na lira, tange as cordas e começa a longa história do audacioso Ulisses e do valoroso Aquiles.

Os cantos dos *aedos* eram lindos, mas os nossos livros são muito mais agradáveis. Com alguns euros, podemos comprar uma edição da Ilíada ou da Odisseia e transportá-la facilmente nas nossas algibeiras, se tivermos o cuidado de escolher uma edição de bolso. E estes livrinhos não nos pedem nada, porque não precisam nem de comer, nem de beber, nunca estão doentes e podem desafiar o desgaste de Cronos, que nos vai consumindo de minuto a minuto. Tal como os deuses da mitologia greco-latina, os nossos livros impressos também são imortais, se tivermos um mínimo de cuidado e os soubermos preservar.

E isto faz-me lembrar uma história: ...

in: *O Homem e o Livro* (adaptado)

Alentejo é nome de mundo

.....

II

Durante tanto tempo foste
o companheiro das coisas vivas

Terás de encher agora os teus bosques ardentes
de neblina e silencio e animais sem condição

E deverás olhar as coisas mortas
como se todas as manhãs elas partissem

Tudo o que tens e que tiveste outrora
a paz que em vão buscaste tantos anos
nesse lugar fecundo ficará

Quanto oceano quanta sede quanta voz
na escuridão das searas que amanhecem

Alentejo um pão cortado
na sombra dos candeeiros dentro das casas desertas.



Tenho seguido com algum interesse, alguma curiosidade e certa nostalgia, as notícias e demais parafernália que vai rodeando o tentame, absolutamente correcto e bastante justificado, de conseguir que o “cante alentejano” seja considerado património cultural da humanidade.

Creio que o é já, independentemente de as entidades oficiais darem de maneira formal o seu assentimento. Tal como o flamenco, maravilha musical maior de “nuestros hermanos”, o cante alentejano é indubitavelmente uma das fórmulas vocais e poéticas mais belas que a imaginação, caldeada por anos de adequação intrínseca, deu à voz humana organizada num

jeito peculiar.

Gostaria de pensar, de concluir e finalmente certificar que este movimento não está nem estará orientado – e muito menos capturado – por intenções de sectores que, por radical conceptualidade que pelos anos lhe tem sido própria, podem tentar colonizar as coisa que pareçam, ou se lhes antolhem, fazer aumentar a sua influência na manobra social.

O que no Alentejo, pelo tempo fora, tem sido por vezes demasiado usual...

PScriptum – O primeiro dos poemas seguintes foi escrito nos idos de 72 e publicado por Mário Cesariny num dos boletins do Bureau Surrealista em 1978. Tinha sido cortado pela Censura quando busquei dá-lo a lume no “Distrito de Portalegre”, então dirigido por José Heitor Patrão, algumas semanas após a sua efectivação. O segundo constituiu a letra que o cantor espanhol Miguel Naharro utilizou numa das suas composições integrada no CD “Canciones Lusitanas”.

A obra que ilumina este bloco, “Grande Interior Alentejano” – cartão para painel de azulejo (210 cm X 200 cm), faz parte da colecção do eng.º Vítor Lemos Julião e foi elaborado por Trepal, Ldª.

1
POEMA ALENTEJANO

Nascer no Alentejo é engraçado
– com a morte debaixo e a fome ao lado.

Planta-se uma couve regada de urina
– colhe-se um maneta com viola e menina

É-se jovem e airoso como um deus antigo
– com sorriso rasgado da garganta ao umbigo

Esvoaça na rua da aldeia velha
A canção do pirata de brinco na orelha

(História contada no caminho
dos que estão
com a raiva ou o carinho
dos que vão.
História terrível
do Bem e do Mal
alentejanamente
convencional)

E o sol ao tombar doura as arcas de ouro
fugindo das trevas, vagalume mouro.

E o suor é suor de romance barato
– p'ra ter bem depressa toucinho no prato.

Saudades saudades saudades irmão
– natureza morta com cego e bordão.
Ai terra do Alentejo
corda de guitarra cigana
flor de lua ao entardecer
caranguejo de face humana
no dia negro a morrer.

(E o pastor que guardava o gado
jaz dolorido e enforcado)

Tudo está errado e tudo está certo
a oliveira ao longe e o borrego ao perto.
E balança a estrela da madre pendente
o silêncio da infância e a voz do poente.

Saudade saudade saudade perdida
na morte na morte na morte
da vida.

2
ALENTEJO REVISITADO
a meu avô Francisco

I

Do rosto que olha o Alentejo é o corpo
mas não somente o corpo a árvore
figueira junto ao mar um pássaro
perto do coração

Trigo que escutamos e que vemos
antes de ser o pão

A mão que desvenda
o sítio exacto da alma
vegetal animal e mineral
em todos os caminhos

Para sempre
um país sob a luz menino imemorial

Monforte

.....



Maria Olívia Diniz Sampaio

Ó MONFORTE, MONFORTE ...
Bem “Encantadora Visual”,
Pela tua Paisagem Histórica,
Religiosa, Típica, Natural...
E pela riqueza e grande riqueza
Do teu Encantador e Invulgar
Património Histórico Cultural!...

Cantiga do camponês

.....

Eu sou devedor à terra
E a terra me está devendo.
A terra paga-me em vida,
Eu pago à terra em morrendo
(Cantiga popular alentejana)

Seja a vida boa ou má,
Haja paz, ou haja guerra,
Se a terra tanto me dá,
Eu sou devedor à terra.

Mas, se à terra me dou todo,
Se a trato e a defendo,
Vendo as coisas desse modo,
A terra me está devendo.

Se a rego com o meu suor
E ela, em contrapartida,
Me dá riqueza maior,
A terra paga-me em vida,

Nesta relação aberta
Com a terra, vou vivendo.
Para a conta bater certa,
Eu pago à terra em morrendo.

15 de Dezembro de 2013

Domingos Rações Santos

Cantem

.....

cantem
façam-nos vossemecês o favor de cantarem

cantem-nos uma cantiga falando de solidão
de beleza
e das lonjuras dos plainos da “pátria alentejana”

cantem
façam-nos vossemecês o favor de cantarem

cantem-nos uma cantiga que fale da lindeza e verticalidade
do lírio roxo do campo
e da musica deslizante dos rios

cantem
façam-nos vossemecês o favor de cantarem

cantem-nos uma cantiga que fale da dureza dos campos
alqueivados
das oliveiras carregadas
e da dor vivida baixando a cabeça nas praças de jorna

cantem
façam-nos vossemecês o favor de cantarem

cantem-nos uma cantiga que fale
da postura das gentes trataganas
sólidas e culturalmente enraizadas

cantem
façam-nos vossemecês o favor de cantarem

cantem-nos uma cantiga que fale
do meu chão
e de gentes que talvez já nem existam

cantem
façam-nos vossemecês o favor de cantarem

(aos Grupos Corais Alentejanos)
Luís Jordão ♦ Nov. 2009



Tardios arrependimentos

.....

já pouco sei de mim mesmo além do que sinto
e penso que não fiz o que de mim esperava
– são contas de um rosário ao rés dos balanços,
são mágoas que nos assaltam e insatisfazem.
haverá alguma medida para os contentamentos
e memórias que aconteçam de quanto não se fez?
há amargos de boca e inúteis cansaços
como vontades de impossíveis voltar atrás:
é o escusado arrependimento de viver
o que vivido está e o sentimento
que muito há para viver e não viver.

Não sei se cabemos na ilha

.....

não sei se cabemos na ilha se a ilha cabe
em nós. a geografia não é solução
que dela se toma o que se quer.
sei que a ilha encalhou neste local precisamente
onde a imaginava. e ao redor da ilha os peixes são
pescados. sempre. é que

o hemisfério da racionalidade
troca voltas à vida – estavam frias
as janelas e não tinha olhos
para o sentimento por onde florissem lágrimas
ou alguma ausência aquecesse
o lusco-fusco e os gatos. a

cínica madrugada veste lantejoulas
para esconder os seios. a serenidade
do lugar da noite
tem o amor escondido atrás das portas
no lugar das esfregonas que é uma ilha
feita de pedra-pomes e de sentinelas. e

aos domingos saem pedras ao caminho
com cabelos de sol mas as palavras
que trazem de que palavras falam?
ai vento que de palavras falam
palavras desnudas que pelo caminho ficam
defendidas dos assaltos. e

são frescura no enxaguar dos beijos
ou lençóis que do orvalho falam? ou dos dias
com a explosão dos silêncios que massacram os dias?
ou verdejam os sulcos alinhados nas almas.
cuidado! que pedras vêm. ao caminho vêm
com cabelos de sol. e

te anunciaste e já partias onde a ilha
tem o outro lado e é um espelho. tem a lâmina
e é o corte. tem o segredo e é o gogue.
anuncias-te no portal das viagens
que nos trocam as vidas e descobrimos
(então) que descascamos as madrugadas.

Olho nos olhos

.....

Olho nos olhos, estes velhos
De faces rugosas e mãos
Deformadas de tanto trabalho
Escravo, à torreira de um
Sol castigador.

Olho nos olhos, estes sábios,
Dizendo admiráveis palavras
Que parecem fotografias
De um tempo de carência,
Relatando dias assombrosos
Pegadas indomáveis
De teimosa dignidade,
A resistência!

Olho nos olhos, estes camponeses
Do sul, sentados no largo da aldeia,
Ao postigo da casa ou comendo o cozido
De grão, falando como se fossem pássaros,
Do ar de liberdade que passou por aqui
E eles sonharam para sempre!

E ao olhá-los, sinto que pertenço
A esta luta, que também são minhas
Algumas pegadas, no pó dos caminhos da revolta.
Cada poema é uma bandeira de esperança,
À espera do dia desejado. E cada gesto, a certeza
Que estes homens e mulheres
Não fizeram a caminhada em vão...

4-6-2011



Luís Filipe Maçarico (poema incluído nas páginas 42 e 44 do Livro "*Morada da Poesia, Poetas Celebram Manuel da Fonseca*", edição da Câmara Municipal de Castro Verde, Novembro de 2011).

A fotografia dos desenhos de Manuel Passinhas, que ilustrou o livro referido, também é da autoria de LFM.

A fotografia com António Manuel, de Mértola, que me inspirou este poema, foi realizada pelo Amigo Ruas, do restaurante Tamuje.

Em 7 de Maio de 2011 **António Manuel** tinha 92 anos e meio. Era um alentejano feliz, porque tinha o cérebro em bom estado, cheio de lucidez... Nasceu na Amendoeira da Serra, tem 2 filhos, 6 netos, 6 bisnetos e 1 "tirineto"... "De vez em quando, no Natal, na Páscoa, e nesses dias maiores, juntamos todos. Fazemos uma festa!" Este é o Alentejo que me agrada. Da conversa, da memória e da identidade. Sem eles, a paisagem era apenas uma tela, vazia. Alentejanos, Poema Maior!



Quando partir

Quando...
Quando partir
Envolto nas ondas,
Ondas revoltas,
Que rebotam na areia...
Quero levar comigo,
Junto ao meu peito,
As mágoas do meu viver...
Quando partir
Não quero deixar para trás
Nada, mesmo nada,
Que não possa resolver...
Quando o Sol
Envolto nas brumas do oeste
Já não me possa aquecer
Quero partir sozinho
Na espuma das ondas,
No dorso do meu corcel...
Quando for noite
E os fantasmas aparecerem
Virá o tempo dos poetas,
Dos profetas,
Dos vendedores de ilusões,
Dos mortos pelos caminhos,
Dos lobos e dos vampiros...
Os poucos que restarem
Ficam por cá
Sem esperança,
Sem futuro,
Já sem sonhos,
Até chegar o fim...
Praia de São João, Costa da Caparica,
em 6 de Outubro de 2012

Último Tren

Ese tren que parecía
parado en la estación hasta que ya tuvieses ganas de cogerlo,
acaba de cerrar todas sus puertas
y salir.
No te ha avisado nadie.
Ninguno te ha advertido de su marcha.
Y tú lo ves pasar sabiendo
que no se esperan más en toda la jornada.
Que está al caer la noche y no hay resguardo,
el mínimo hospedaje libre para ti.

Salen canciones, risas, de los cuartos cerrados.
La música se cuele por entre las persianas,
y el calor de los gritos de alegría
te pasa por los ojos como un cuchillo frío,
cortando la niebla que te envuelve,
echándote encima desgarrones de sombras,
recortando tu estampa de dura soledad.

Acaso te sientas a aguardar nuevamente.
Vuelvas a la esperanza de un nuevo silbato
llevando actividad al apeadero.
Y esta vez – piensas –
Serás más diligente cuando el vagón
abra sus puertas, silencioso,
y te ofrezca el misterio de un viaje,
que sea cual fuere no puedes rechazar.



Senti saudade

.....

Ontem senti saudade
Daquele tempo da meninice
Apesar de já passada alguma idade
Lembrei-me agora na velhice
Levantávamos bem cedo
Para ir à Vila fazer governo
Íamos sempre sem medo
Fosse verão ou mesmo inverno
Mãe e filho montados na muar
No conforto de uma albarda
Muito o macho tinha que andar
Por veredas e pouca estrada
Comprar café, açúcar e linhas para coser
No alforge levava trigo da colheita
P'ra trazer alguma coisa para comer
A transacção comercial assim era feita
Um bocado de pão no talego
Toucinho frito era o conduto
Para o estômago ter sossego
Pouco importava o produto
Eram longos os caminhos
De regresso ao meu monte
Entre estevas pedregulhos e espinhos

E lonjura a perder no horizonte
Cruzava-nos com lavradores e pastores
Cada um nos seus afazeres
Para eles os meus louvores
Pelo seu respeito pelas mulheres
Todos respeitavam o alheio
Com a maior das lisuras
Não só por causa do paleio
De algumas famosas criaturas
Ir à Vila o quebrar da rotina diária
Daquele isolamento rural
Só quando muito necessária
Ou um filho doente e muito mal
Éramos pobres em bens-materiais
Muito ricos em honestidade
A herança dos meus pais
Para a nossa vida ter continuidade

Manuelopes, 2012

ANUÁRIO

Calendário 2014

Pesquisa de Ana Paula venceslau

MARÇO

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
9							1
10	2	3	4	5	6	7	8
11	9	10	11	12	13	14	15
12	16	17	18	19	20	21	22
13	23	24	25	26	27	28	29
14	30	31					

FEVEREIRO

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
5							1
6	2	3	4	5	6	7	8
7	9	10	11	12	13	14	15
8	16	17	18	19	20	21	22
9	23	24	25	26	27	28	

JANEIRO

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1				1	2	3	4
2	5	6	7	8	9	10	11
3	12	13	14	15	16	17	18
4	19	20	21	22	23	24	25
5	26	27	28	29	30	31	

JUNHO

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
22	1	2	3	4	5	6	7
23	8	9	10	11	12	13	14
24	15	16	17	18	19	20	21
25	22	23	24	25	26	27	28
26	29	30					

MAIO

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
18				1	2	3	
19	4	5	6	7	8	9	10
20	11	12	13	14	15	16	17
21	18	19	20	21	22	23	24
22	25	26	27	28	29	30	31

ABRIL

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
14		1	2	3	4	5	
15	6	7	8	9	10	11	12
16	13	14	15	16	17	18	19
17	20	21	22	23	24	25	26
18	27	28	29	30			

SETEMBRO

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
35		1	2	3	4	5	6
36	7	8	9	10	11	12	13
37	14	15	16	17	18	19	20
38	21	22	23	24	25	26	27
39	28	29	30				

AGOSTO

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
30						1	2
31	3	4	5	6	7	8	9
32	10	11	12	13	14	15	16
33	17	18	19	20	21	22	23
34	24	25	26	27	28	29	30
35	31						

JULHO

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
26		1	2	3	4	5	
27	6	7	8	9	10	11	12
28	13	14	15	16	17	18	19
29	20	21	22	23	24	25	26
30	27	28	29	30	31		

DEZEMBRO

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
48		1	2	3	4	5	6
49	7	8	9	10	11	12	13
50	14	15	16	17	18	19	20
51	21	22	23	24	25	26	27
52	28	29	30	31			

NOVEMBRO

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
43						1	
44	2	3	4	5	6	7	8
45	9	10	11	12	13	14	15
46	16	17	18	19	20	21	22
47	23	24	25	26	27	28	29
48	30						

OUTUBRO

SEM	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
39				1	2	3	4
40	5	6	7	8	9	10	11
41	12	13	14	15	16	17	18
42	19	20	21	22	23	24	25
43	26	27	28	29	30	31	

Urbano



Ao Homem, escritor e amigo
Deixo-lhe a minha gratidão
E do nosso Alentejo antigo
Fica o Ardila na recordação

A. Galvão / 08/2013

António Galvão

GASTRONOMIA

Feijão de mistura



Ingredientes:

- Meio litro de feijão manteiga
- 1 Repolho lombardo pequeno
- 1 Cenoura média
- 1 Nabo médio
- Cebola, alho, louro, azeite e sal q.b.
- Ovos (1 por pessoa)
- 1 molhinho de salsa

Confecção:

1. Cozer durante 15 minutos na panela de pressão o feijão juntamente com a cebola, o alho, o louro, o azeite e o sal.

2. Cortar o repolho em juliana e a cenoura e o nabo em quadradinhos e juntar ao feijão acabado de cozer, deixar a cozer durante cerca de 5 minutos e retirar do lume

3 • Juntar salsa picada.

Notas – Na mistura podem-se pôr outros ingredientes ao gosto de cada um, tais como, rodelas de chouriço, um naco de presunto cortado em cubos pequenos, etc. Como o tempo de cozedura poderá variar, deverá verificar-se de tempos a tempos se o feijão já está cozido.

Passatempo

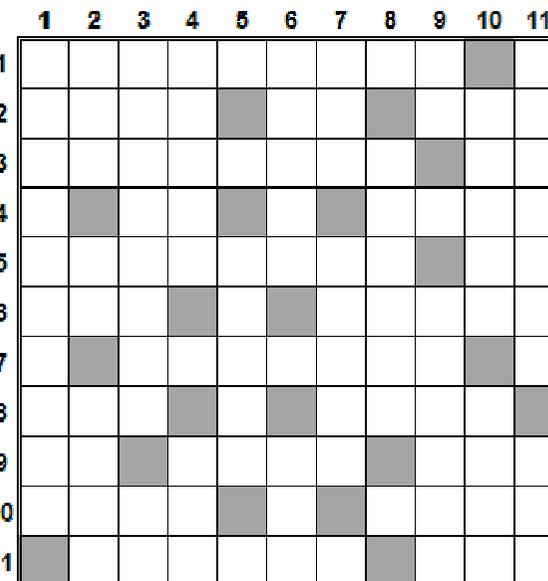
PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Antiga correria de cavaleiros. 2– Caução; Zomba; Causa, motivo (ant.). 3– Guia, conhecedor e perito no campo (Bras.); Senhor inglês. 4– Forma antiga de uma; Árvore da família das Anacardiáceas e fruto do Brasil. 5– Queixar-se em juízo; Região Militar (abrev.). 6– Cantão da Suíça; Pequeno melão arredondado. 7– Que ou quem tem temperamento irrequieto (pop.). 8– Interior e profundo; Tambor pequeno usado na Índia. 9–

Medida itinerária do Japão, equivalente a cerca de 4 quilómetros; Cantor popular na Grécia antiga; Abrigo. 10– Lavar com arado ou charrua; Saco de pele para transportar líquidos. 11– Cercar com fios de arame; Maciço montanhoso do Sara.

VERTICAIS: 1 – Conversa informal e amena. 2– Antiga capital da Birmânia; Antiga capital da Suméria no segundo milénio a.C.; Peça metálica para regular a pontaria, nas armas de fogo. 3– Pastor ou guardador de

vacas; Atmosfera. 4– Ficar louco, adoidar-se; Lugar dos sacrifícios. 5– Levanta. 6– Cálice que, segundo a tradição, serviu a Jesus na última ceia; Claridade que o Sol envia à Terra. 7– Rio de França; Fécula em pó extraída dos vegetais. 8– Cercadura. 9– Antes do meio-dia; Revestida de laca. 10– Omoplata; Inaugurei. 11– Pôr no lugar apropriado; Elemento de formação de palavras de origem grega, que significa ar. (Soluções no final deste almanaque)



<http://facebook.com/m.bernardomatos>

ANUÁRIO

ASTROLOGIA



O zodíaco contempla o aparente ciclo anual do Sol pelas constelações, dividindo o firmamento em 12 zonas características iguais de longitude celestial. O Zodíaco é reconhecido como o primeiro sistema de coordenadas celestial, desenvolvido pelos astrónomos da antiga Babilónia, constituído por 12 signos (sinais).

A origem etimológica do termo zodíaco provém do Latim 'zodiacus', significando «círculo de animais». No entanto, o zodíaco clássico grego, em tudo semelhante ao que usamos hoje, inclui signos (também estas constelações) que não são representados por animais: Aquário, Gémeos, Virgem e Balança.

Uma outra explicação etimológica conota o termo grego com «um caminho», o caminho que o Sol percorre do ponto de vista da Terra.

O Zodíaco refere-se também à região da esfera celestial que inclui o conjunto de oito arcos, acima e abaixo do firmamento elíptico, que se cruza com o caminho da Lua e dos planetas visíveis a olho nu: Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno. Os astrónomos da era clássica (Ptolomeu) chamaram-lhes estrelas flutuantes, para os diferenciar dos planetas fixos.

Já os astrólogos entendiam o movimento dos planetas e do Sol através das constelações do Zodíaco como uma forma de explicar e prever acontecimentos na Terra.

ANUÁRIO

Fases da Lua em 2014

Lua Nova ●			Quarto Crescente ☽		
Mês	Dia	H. m.	Mês	Dia	H. m.
Janeiro	1	11.14	Janeiro	8	3.39
Janeiro	30	21.38	Fevereiro	6	19.22
—			Março	8	13.27
Março	1	08.00	Abril	7	09.31
Março	30	19.45	Maio	7	04.15
Abril	29	07.14	Junho	5	21.39
Maio	28	19.40	Julho	5	12.59
Junho	27	09.08	Agosto	4	01.50
Julho	26	23.42	Setembro	2	12.11
Agosto	25	15.13	Outubro	1	20.33
Setembro	24	07.14	Outubro	31	02.48
Outubro	23	22.57	Novembro	29	10.06
Novembro	22	12.32	Dezembro	28	18.31
Dezembro	22	01.36			

Lua Cheia ○			Quarto Minguante ☾		
Mês	Dia	H. m.	Mês	Dia	H. m.
Janeiro	16	04.52	Janeiro	24	05.19
Fevereiro	14	23.53	Fevereiro	22	17.15
Março	16	17.08	Março	24	01.46
Abril	15	08.42	Abril	22	05.37
Maio	14	20.16	Maio	21	13.59
Junho	13	05.11	Junho	19	19.39
Julho	12	12.25	Julho	19	03.08
Agosto	10	19.09	Agosto	17	13.26
Setembro	9	02.38	Setembro	16	03.05
Outubro	8	11.51	Outubro	15	20.12
Novembro	6	22.23	Novembro	14	15.15
Dezembro	6	12.27	Dezembro	14	12.51

INÍCIO DAS ESTAÇÕES EM 2014	
Primavera (Equinócio ♈)	Março..... 20 às 16h;57m
Verão (Solstício ☊)	Junho..... 21 às 11h;51m
Outono (Equinócio ♎)	Setembro.... 23 às 03h;29m
Inverno (Solstício ☋)	Dezembro... 21 às 23h;03m

ANUÁRIO



ECLIPSES EM 2014		
Em 2014 haverá 4 eclipses: 2 do Sol e 2 da Lua		
Eclipses da Lua *		
Data	Tipo	Locais onde será visível
15 Abril	Total	- Leste da Ásia, Austrália, Oceânia, América do Norte e do Sul, Antártica, África ocidental, extremo da Europa ocidental.
08 Outubro	Total	- Gronelândia, Ásia, Austrália, Oceânia, Antártida, América do Norte e do Sul.

* Tipos de eclipses lunares:

Penumbral – A lua passa através da penumbra da sombra terrestre. É dificilmente visível.

Parcial – Uma parte da lua passa através da umbra da sombra terrestre. São facilmente visíveis.

Total - A totalidade da lua passa através da umbra da sombra terrestre. São facilmente visualizados e a lua pode ficar com uma cor laranja, avermelhada ou acastanhada.

Eclipses do Sol *		
Data	Tipo	Locais onde será visível
29 Abril	Anular	- Antártida, Austrália, sul do Oceano Índico e sudoeste do Pacífico
23-24 Outubro	Parcial	- América do Norte, Ásia oriental, e nordeste do Oceano Pacífico.

* Tipos de eclipses solares:

Parcial - A Lua fica ligeiramente fora do centro, bloqueando apenas parte do Sol.

Anular – A Lua está mais longe da Terra e parece menor, não bloqueando completamente o Sol e deixando um anel em volta.

Total - A Lua obscurece o Sol numa faixa relativamente estreita da superfície da Terra e a sua sombra geralmente desloca-se em direcção a leste.

Híbrido – Este tipo é também conhecido por anular ou total. Apenas 5% dos eclipses solares cabem nesta categoria. Por isso o eclipse híbrido é uma raridade.

Atenção: Podem resultar lesões oculares permanentes se olhar directamente para o disco do Sol, através do visor de uma câmara ou com binóculos ou um telescópio, mesmo quando só permanece uma fina faixa do Crescente do Sol ou as chamadas Contas de Baily. O 1% da superfície do Sol ainda visível é cerca de 10.000 vezes mais brilhante do que a lua cheia. Olhar para o Sol nestas circunstâncias é como usar uma lupa para concentrar a luz solar sobre material inflamável. A retina é delicada e insubstituível. Um cirurgião pouco ou nada poderá fazer para recuperar a retina. Nunca olhe para o sol fora da fase total de um eclipse, a menos que tenha uma protecção ocular realmente adequada.

Observatório Astronómico de Lisboa - <http://oal.ul.pt/publicacoes/almanaques/dados-de-2014/>

ANUÁRIO



FERIADOS EM 2014	
(Decretos-Leis nº 335/77, de 13 de Agosto, nº 39-A/78, de 2 de Março, nº 51/92, de 11 de Abril, nº 99/2003, de 27 de Agosto e Lei nº 23/2012, de 25 de Junho)	
FERIADOS OBRIGATÓRIOS	
Janeiro	1, quarta-feira (Solenidade da Santa Mãe de Deus)
Abril	18, sexta-feira (Sexta-Feira Santa)
Abril	20, domingo de Páscoa
Abril	25, sexta-feira (Dia da Liberdade)
Maio	1, quinta-feira (Dia do Trabalhador)
Junho	10, terça-feira (Dia de Portugal)
Agosto	15, sexta-feira (Assunção de Nossa Senhora)
Dezembro	8, segunda-feira (Imaculada Conceição)
Dezembro	25, quinta-feira (Natal)
Além dos feriados obrigatórios, poderão ser observados: O feriado municipal da localidade. Festa e tradição popular:	
Março	4, terça-feira (terça-feira de Carnaval)
Dados: Observatório Astronómico de Lisboa - http://oal.ul.pt/publicacoes/almanaques/dados-de-2014/	

MUDANÇA DA HORA EM 2014	
Em conformidade com a legislação, no ano de 2014 a hora legal em Portugal continental e nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, será adiantada de 60 minutos à 1 hora UTC do dia 30 de Março e atrasada de 60 minutos à 1 hora UTC do dia 26 de Outubro.	

si o controlo de situações mesmo sem serem convidados.

Acostumados à autoridade, quando estão nessa posição tendem a provar a eles e aos outros que merecem confiança e nunca permanecem numa posição de subordinado por muito tempo.

De uma forma geral, o nativo de Leão gosta de fazer tudo com floreios e gosta que o mundo veja.

Personagens célebres de Leão: Napoleão Bonaparte, Mae West, Madonna, Jennifer Lopez, Sean Penn, Magic Johnson, Neil Armstrong, Sandra Bullock, Steve Martin, Ben Affleck, Robert Redford, Bill Clinton, Mick Jagger, Robert de Niro, Antonio Banderas, Melanie Griffith, Patrick Swayze...



Virgem / Virgo (23/08 a 23/09)

A imagem pessoal que um nativo de Virgem transmite é a de alguém que presta muita atenção ao pormenor, metucioso e perfeccionista, em especial no seu trabalho.

São organizados, eficientes, extremamente analíticos e críticos de uma forma objectiva, apesar de por vezes se envolverem de tal modo em trivialidades que perdem o significado por inteiro.

Pegam muitas vezes em trabalhos que outros consideram aborrecidos porque, na maneira de pensar de um Virgem, alguém tem de os fazer e eles parecem ser os únicos com a disponibilidade e paciência necessárias para isso.

São metuciosos com a limpeza e a boa aparência e preocupam-se muito com a saúde, física e mental.

Personagens célebres de Virgem: Yaser Arafat, Madre Teresa, Agatha Christie, Lance Armstrong, Michael Jackson, Anastacia, Freddie Mercury, Keanu Reeves, Raquel Welch, Lauren Bacall, Van Morrison, Barry White, Hugh Grant, Cameron Díaz, Claudia Schiffer, Richard Gere, Gloria Estefan, Sean Connery, Greta Garbo...



Carneiro / Aries (21/03 a 20/04)

Os nativos de Carneiro e os que o têm como ascendente, dão uma primeira impressão de pessoas egocêntricas e de um signo independente, assertivo e impulsivo. Os Carneiros não perdem tempo e, quando tomam uma decisão, agem sobre ela de forma habitualmente rápida.

São energéticos e excelentes líderes, mas após iniciarem qualquer coisa deixam-na frequentemente para um dos signos fixos acabar. Altamente competitivos, gostam de se pôr à prova constantemente.

Apesar de governados por Marte e bastante temperamentais, as fúrias são passageiras e são em regra acolhedores e inspiradores. Apresentam qualidades como a coragem e lealdade mas também a impaciência e têm um forte sentido de individualidade.

Personagens célebres de Carneiro: Vicent Van Gogh, Miguel Bosé, Marlon Brando, Eddie Murphy, Quentin Tarantino, Norma Duval, Mariah Carey ...



Touro / Taurus (21/04 a 21/05)

Os nativos de Touro transmitem a imagem de alguém prático e de quem se pode depender, que tem os pés bem assentes na terra. Com a atenção centrada em valores mais práticos, tomam decisões que sirvam as suas necessidades de forma tangível. Depois de tomarem uma decisão, dificilmente serão persuadidos a alterar.

Não se adaptam bem à mudança, sob quaisquer condições, sendo melhor dar a um Touro o tempo necessário para digerir e absorver novos conceitos. São teimosos, não se deixando ser empurrados ou forçados a fazer seja o que for.

Os Touro são os construtores do zodíaco: são capazes de construir desde uma relação a um império. Apesar de demorarem o seu tempo a iniciar, possuem uma personalidade determinada e metódica, características que aplicam no decorrer e conclusão das tarefas em mão. Gostam de aproveitar tudo o que a vida tem para lhes oferecer e apreciam a ordem, organização, conforto e respondem muito bem ao estímulo e ao prazer.

Personagens célebres de Touro: William Shakespeare, Tchaikovsky, Andre Agassi, Jack Nicholson, Eva Perón, Katherine Hepburn, Cher, George Lucas ...



Gêmeos / Gemini (22/05 a 21/06)

A pessoa com ascendente de Gêmeos apresenta conhecimentos sobre um variado número de assuntos e anseia por comunicar com e sobre o ambiente que a rodeia. É uma pessoa espirituosa, inteligente e perspicaz e tende a dominar intelectualmente o círculo onde está inserido.

Uma das características de um nativo de Gêmeos, é a capacidade argumentativa que usa para entrar e sair de situações, fazendo parecer simples o que por vezes é bastante complicado e constrangedor. É um pensador criativo, original e algo visionário, expressando-se de forma eloquente. Tende a identificar-se com as suas ideias e, devido à sua destreza, facilmente põe em prática os seus projectos.

Personagens célebres de Gêmeos: Marilyn Monroe, John F. Kennedy, Paul McCartney, Angelina Jolie, Naomi Campbell, Steffi Graf...



Caranguejo / Cancer (22/06 a 22/07)

A imagem de um nativo de Caranguejo surge como a de alguém orientado para a família e extremamente sensível ao meio que o rodeia. São protectores e carinhosos e, porque este é um signo maternal, estão presentes todos os instintos protectores maternos, seja homem ou mulher. O sentimentalismo ocupa uma grande parte da vida de um Caranguejo, que confia nas suas intuições e instintos para a tomada de decisões.

Devido à associação que este signo faz entre posse e emoções, os nativos têm uma óptima memória. Têm uma personalidade inconstante, mudam de humor facilmente e são bastante temperamentais. Como mecanismo de auto protecção, tendem a fechar-se na sua “concha” quando se sentem ameaçados emocionalmente.

Personagens célebres de Caranguejo: Ernest Hemingway, Carlos Santana, Diana de Gales, Meryl Streep, Tom Hanks, Pamela Anderson, Nelson Mandela, Pamela Anderson, Tom Cruise...



Leão / Leo (23/07 a 22/08)

Os que nasceram sob o signo de Leão, mostram o orgulho e a dignidade como características marcantes da sua personalidade. Cheios de vitalidade, são acolhedores, leais e honestos, e gostam e precisam de constante atenção. Os nativos de Leão têm uma grande força de vontade, a par da grande fé e confiança que depositam em si próprios. Eles “sabem” que nasceram para estar numa posição de liderança e autoridade, o que leva por vezes a chamarem a

Parecem estar à frente do seu tempo e tendem a chocar com as suas ideias e modo de pensar.

São originais, criativos, e possuem um temperamento bastante imprevisível, pendendo para a irritação quando os outros não percebem as suas ideias. Para um Aquário, a segurança está na companhia de pensadores como ele onde as suas ideias sejam compreendidas. Desprezam a hipocrisia, a falsidade e a imitação, e depositam toda a sua lealdade nos seus amigos.

São orientados para o contacto com as pessoas, relações às quais dão grande valor.

Personagens célebres de Aquário: Franz Schubert, Alejandro Volta, Charles Darwin, Charles Dickens, Rubén Darío, Lewis Carroll, Galileu, James Dean...



Peixes / Piscis (20/02 a 20/03)

Os nativos de peixes são misteriosamente charmosos, e mostram um nível de consciencialização que muitos desconhecem. Não são pessoas materialistas, entregam-se frequentemente de corpo e alma a causas que os outros vêem como perdidas.

Possuem uma paz interior invejável e conseguem manter-se calmos nas circunstâncias mais adversas. Visionários e muito sensíveis, respondem facilmente aos pensamentos e sentimentos dos outros. Conseguem perceber se os outros estão a passar por dificuldades, detectando a dor e sofrimento nas suas vidas. Costumam ser bastante artísticos por natureza, virados sobretudo para a música e dança, mas também para a pintura e a representação. Nada egoístas e muito dedicados, costumam fechar os olhos aos defeitos dos que amam.

Personagens célebres de Peixes: Viktor Yushchenko, Mijail Gorbachov, Buffalo Bill, Sidney Poitier, James Taylor, Sharon Stone, Jerry Lewis, Liza Minnelli, Bruce Willis, Cindy Crawford, Billy Cristal, Jon Bon Jovi, Lee Marvin, Drew Barrymore, Chuck Norris...



Balança / Libra (24/09 a 23/10)

Os nativos de Balança são pessoas atraentes, não só pela aparência mas também pelo carisma da personalidade. Com a diplomacia do seu lado, encontram-se muitas vezes no lugar de mediadores e dão frequentemente a ideia de se interessarem mais pelos outros que por eles próprios.

Um Balança gosta de agradar a toda gente, e consegue colocar-se no lugar do próximo, sabendo sempre o que os outros estão a sentir. Acreditam na igualdade e na justiça e conseguem analisar as situações de qualquer ângulo.

A tomada de decisões é um processo moroso para um Balança e, mesmo depois, esperam que alguém tome a decisão por eles, ou só quando são pressionados. Escolhem na maior parte das vezes a decisão que encontra menor resistência.

Personagens célebres de Balança: Brigitte Bardot, Catherine Zeta-Jones, Eminem, John Lenon, Julio Iglesias, Meat Loaf, Sting, Paul Simon, Will Smith, Oscar Wilde, Roger Moore, Julie Andrews, Ray Charles, Jimmy Carter, Paul Hogan, Matt Damon, Luciano Pavarotti, Susan Sarandon, Gwyneth Paltrow...



Escorpião / Scorpius (24/10 a 22/11)

Com uma personalidade algo difícil de controlar, os nativos de Escorpião gostam de manter o secretismo quanto aos seus assuntos, mas são muito curiosos quanto aos dos outros. Estão sempre intuitivamente alerta para mudanças inevitáveis e conscientes das que se avizinham.

A função de um Escorpião reside no corte com o velho e na construção do novo. São as pessoas ideais em caso de emergência, porque conseguem manter a calma em tempos de crise. São bastante versáteis e defendem com grande paixão e garra as causas que consideram justas.

Os Escorpiões empenham-se obsessivamente no alcance dos objectivos, o que pode ser por vezes uma característica menos boa. Quando a natureza intensamente emocional de um nativo deste signo se mistura com os seus desejos românticos, tornam-se possessivos e ciumentos.

Personagens célebres de Escorpião: Pablo Picasso, Carlos de Inglaterra, Bill Gates, Leonardo DiCaprio, Meg Ryan, Richard Burton, Winona Ryder, Calvin Klein, Grace Kelly, Jodie Foster, Julia Roberts, Bryan Adams, Ted Turner, Whoopi Goldberg, Burt Lancaster, Demi Moore...



Sagitário / Sagitarius (23/11 a 21/12)

Os nativos de Sagitário possuem uma personalidade entusiasta, optimista e sempre de olhos postos no futuro. Têm fé e não há nada que os faça perder a exuberância pela vida.

Mesmo que as coisas não corram bem, são capazes de encontrar sempre um lado positivo e identificar um significado e a razão pela qual as coisas aconteceram daquela forma.

Os Sagitários têm tendência para tirar conclusões precipitadas e se estenderem em compromissos, tempo e objectivos. Nalgumas ocasiões, podem estar tanto com a cabeça no ar que não vêem algo correcto que esteja à sua frente.

Personagens célebres de Sagitário: Racine, Flaubert, Toulouse-Lautrec, Charles de Gaulle, Churchill, Berlioz, Musset, Woody Allen, Steven Spielberg, Tina Turner, Brad Pitt, Kim Basinger, Alejandro Sanz...



Capricórnio / Capricornus (22/12 a 20/01)

O ascendente de Capricórnio desperta na personalidade deste signo a ambição e a vontade de perseguir e alcançar a segurança material. Tomam em consideração tudo a que têm acesso para facilitar a subida ao sucesso e, por serem tão prudentes, são adeptos da utilização de qualquer informação com que se deparem.

Os nativos de Capricórnio costumam aparentar serem calmos, tímidos ou um pouco reservados, sobretudo na primeira impressão. Tudo o que fazem tem um propósito e é feito para alcançar um objectivo bem tangível. Organizados e metódicos, são capazes de lidar com grandes responsabilidades e obrigações. Preocupam-se bastante com a sua reputação e sentem uma grande necessidade de realização pessoal.

Personagens célebres de Capricórnio: Isaac Newton, Juan Carlos I, Richard Nixon, Ricky Martín, Donna Summer, Shirley Bassey, Humphrey Bogart, Denzel Washington, Kevin Costner, David Bowie, Jim Carrey, Elvis Presley, Mel Gibson, Janis Joplin...



Aquário / Aquarius (21/01 a 19/02)

A personalidade de Aquário parece funcionar maioritariamente no plano mental. Intelectuais e com pontos de vista independentes, as suas opiniões vão muitas vezes de encontro às crenças populares e teorias gerais.

Comentários / Anotações

Comentários / Anotações



Palavras Cruzadas - Soluções

HORIZONTAIS: 1- Cavalgada. 2- Aval; Ri; Mor. 3- Vaqueano; Mr. 4- Ua; Umbu. 5- Querelar; RM. 6- Uri; Meloa. 7- Reguila. 8- Imo; Daca. 9- Ri; Aedo; Aba. 10- Arar; Odre. 11- Aramar; Air.

VERTICAIS: 1- Cavaqueira. 2- Ava; Ur; Mira. 3- Vaqueiro; Ar. 4- Aluar; Ara. 5- Ergue. 6- Graal; Dia. 7- Ain; Amido. 8- Ourela. 9- Am; Lacada. 10- Ombro; Abri. 11- Arrumar; Aer.

Comentários / Anotações

Comentários / Anotações



Comentários / Anotações



Comentários / Anotações

